

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato analítico sobre a trajetória do Pogonas, coletivo esportivo formado por pessoas trans em Campinas, no interior paulista, articulando sua história com os processos mais amplos de produção de memória, pertencimento e ativismo trans no Brasil contemporâneo. Ao reconstruir os percursos do grupo desde sua formação, seus deslocamentos no território, suas alianças e formas de organização, discute-se como práticas esportivas comunitárias atuam simultaneamente como espaço de cuidado, sociabilidade e resistência frente às violências estruturais que afetam a população trans. O Pogonas não apenas disputa legitimidade no campo esportivo, mas também cria modos de existir coletivamente que afirmam o direito de pessoas trans ao corpo, ao lazer, à cidade, ao passado e ao futuro.

Palavras-chave:

esporte trans; memória; ativismo; reconhecimento

ABSTRACT

This paper presents an analytical account on the trajectory of Pogonas, a sports collective formed by trans people in Campinas, in the interior of São Paulo state, linking its history to broader processes of memory-making, belonging, and trans activism in contemporary Brazil. By reconstructing the group's development from its formation and movements across urban space to its alliances and organizational practices, the discussion examines how community-based sports initiatives function simultaneously as spaces of care, sociability, and resistance in the face of the structural violence affecting trans populations. Pogonas not only contests for legitimacy within the sports field but also creates collective ways of existing that affirm trans people's rights to their bodies, leisure, the city, past, and future.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Keywords:

trans sport; memory; activism; recognition

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

INTRODUÇÃO

Pessoas trans, travestis e não binárias hoje enfrentam não só barreiras sociais como barreiras ontológicas para terem reconhecidos sua identidade e o seu direito de espaço digno na sociedade. Por efeito, não é incomum que muitas existências, mobilizações e construções que vêm ao mundo pelas mãos dessas pessoas encontrem dificuldade de se perpetuar na materialidade e na memória. Um fenômeno que produz um apagamento conveniente para um projeto de sociedade normatizado, de maneira que pessoas trans, lésbicas, gays, bissexuais etc vivem sob uma constante armadilha narrativa de que esses são corpos e existências que não possuem passado ou memória. Sem uma extensão ontológica anterior, esses sujeitos vivem sob o medo do apagamento, da possibilidade de que percam também uma extensão de ontologia projetada em direção ao futuro. Não fossem trabalhos de preservação da memória e resgate histórico, como o trabalho do ativista e etno-historiador Luiz Mot (ROSA BUENO, 2025), responsável por recuperar memórias como a de Xica Manicongo (a primeira travesti de que se tem registro no Brasil), Felipa de Sousa (perseguida criminalmente por homossexualidade) e do indígena Tibira do Maranhão (executado por sua homossexualidade), figuras fundamentais da época do Brasil colônia e império para defender nosso direito à memória constantemente questionado, poderíamos nos esquecer que um mundo sem nós nunca houve e nunca haverá.

Esse fenômeno não é observado apenas no campo das biografias de pessoas dissidentes de gênero ou sexualidade, mas também no campo dos movimentos sociais. Martins Soares e Dos Anjos Silva Lima (2025) afirmam que todas conquistas de direitos das quais goza-se hoje são resultados de movimentos sociais (reiterando o aspecto participativo da democracia onde é preciso fazer ouvir-se pelo Estado a fim de ter suas necessidades reconhecidas e atendidas), e que resgatar a memória desses movimentos é também fortalecer os movimentos e organizações sociais atuais e futuros. Emerson Santos (2025) também sistematiza para nós que

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

a difusão das memórias de movimentos LGBT no Brasil são importantes não só para sua preservação histórica, como para valorizar suas lutas e conquistas e para fortalecer uma identidade compartilhada dentro de um movimento que se reconhece por (ou sob efeito de) uma determinada história. Sem controvérsia, podemos afirmar então a importância de que as histórias sejam preservadas e que sejam difundidas, passadas a diante. Diante disso, abro espaço para que se multiplique a memória da força das organizações sociais trans de Campinas e regiões no entorno, em particular através da trajetória e da importância da atuação do coletivo cultural e esportivo Pogonas.

O PRESENTE MOMENTO DA CENA TRANS NA CIDADE DE CAMPINAS

Acompanhando um fenômeno cada vez mais expressivo de manifestações de pessoas trans pelo Brasil, o território de Campinas, no interior do estado de São Paulo, vive um interessante período de efervescência cultural e política que ganha cada vez mais legitimidade institucional e reconhecimento social. Em 2024, a coalizão de coletivos trans e apoiadores organizou sua primeira Marcha do Orgulho Trans, que teve sua segunda edição em 2025. De 2023 a 2024, pessoas trans dentro e fora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) se organizaram para reivindicar e construir uma política de cotas para pessoas trans no vestibular de uma das maiores universidades públicas do país. Em 2023, pessoas trans de Campinas também organizam o primeiro campeonato esportivo intermunicipal do mundo a ser organizado e oferecido exclusivamente para pessoas trans, o Paulistrans, que em 2025 teve sua terceira edição. O Ateliê Trans Moras, uma ocupação de travestis e pessoas trans e não binárias responsável pelo acolhimento de pessoas em vulnerabilidade habitacional, além de ser espaço de produção de conhecimento e atividade artística e cultural que existe desde 2013 onde a artista e ativista Vicenta Perrota desenvolveu seu importante trabalho de transmutação têxtil, passa por um processo de institucionalização e expansão em 2024 enquanto um espaço de produção cultural e capacitação de pessoas trans, depois de anos de assédios institucionais para

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

desocupação do espaço. Em 2025 foi organizada a primeira Mostra de Visibilidade Trans de Campinas, que terá sua segunda edição em 2026, organizada a partir de artistas da cena local para expor em um evento de dois dias desde trabalhos acadêmicos, materiais audiovisuais, performances da cena, artes plásticas, música e artes do corpo de pessoas trans do território e arredores. Mesmo que muitas dessas conquistas não sejam noticiadas em larga escala ou circulem tanto quanto sua importância merece, nenhuma delas surge sem dificuldade. Ao contrário, são frutos de longos anos de caminhada, trabalho, articulações, diálogos, resistências e avanços que hoje oferecem frutos e apontam futuros promissores.

Seguindo a linha nessa primavera trans regional, atua em Campinas o ex time Pogonas Futsal Trans Campinas, hoje Associação Transatlética e Cultural Pogonas (ATC POGONAS, 2025), coletivo esportivo de pessoas trans surgido em 2021 e formalizado em cartório como associação em 2025. Neste artigo, exponho um panorama da trajetória do coletivo para ilustrar sua importância, fortalecer a trajetória de seus integrantes e para posicionar o Pogonas enquanto parte da constelação de memórias coletivas de pessoas trans de Campinas e região, fomentando o sentimento de pertencimento de trajetórias trans no nosso território¹.

HISTÓRIAS QUE NÃO SÃO CONTADAS, DESAPARECEM

Em outubro de 2025, o Pogonas recebeu uma das visitas do psicólogo e pesquisador Juca Martins - profissional trans que hoje atua junto a iniciativas da Lei de Incentivo ao Esporte (LIE)² do estado de São Paulo fazendo um trabalho de apoio com 5 coletivos esportivos trans

¹ A ideia de estimular o sentimento de pertencimento a um território através do resgate da memória do ativismo e da atuação cultural de um determinado grupo LGBTQ+, que como dito anteriormente não raro possuem seu direito à memória sabotado, foi explorada argumentativamente algumas vezes. Citamos aqui por exemplo o trabalho de Matos Mota (2025), ao discorrer sobre a importância da memória LGBTQ+ no Ceará, e por Santos (2025) sobre resgate parecido em Pernambuco.

² A Lei nº 11.438/06, ou Lei de Incentivo ao Esporte (LIE), é uma lei federal de incentivo a distribuição de recursos de atores privados para iniciativas desportivas e/ou paradesportivas por todo o Brasil. Mais detalhes sobre a LIE podem ser conferidos em <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acoes-e-programas/lei-de-incentivo-ao-esporte>, acessado por último em dezembro de 2025.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

durante um período de 11 meses previsto pelo edital da LIE entre 2025 e 2026. Juca acompanhou nosso treino e, ao final, propôs que todos os presentes sentassem em roda e rememorassem a história do coletivo desde sua formação, enquanto ele desenhava uma linha do tempo em uma larga folha de papel kraft no chão da quadra. Estando presentes pessoas que passaram a fazer parte do coletivo em diferentes momentos, o exercício foi interessante não só para o resgate da trajetória de evolução do Pogonas como também para apresentar aos novos integrantes nossa história, nos devolvendo o sentimento de pertencimento, construção e avanços que por vezes se enfraquece diante de dificuldades enfrentadas na manutenção do coletivo.

O relato aqui presente é uma reprodução pessoal enquanto um corpo trans que passa a integrar o coletivo no começo de 2025 e das memórias resgatadas coletivamente naquele dia, no qual estavam presentes cerca de oito de nós, além de Juca e nossa treinadora. As discussões que entrecortam essa reprodução são frutos de explorações bibliográficas no campo da memória LGBTQ+ no Brasil, no campo da literatura sobre esporte e transgeneridade, movimentos sociais e experiências coletivas dentro e fora do coletivo Pogonas.

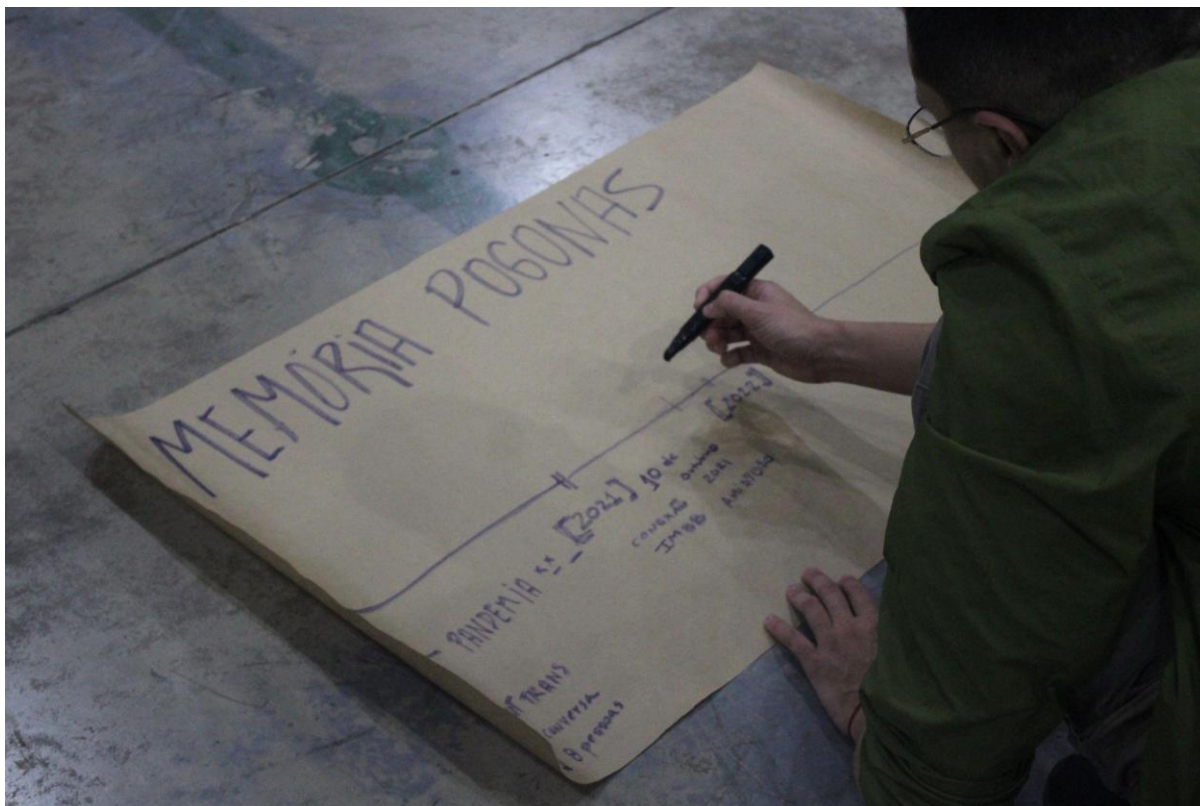
Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Linha do tempo da Associação Transatlética e Cultural Pogonas (2025, acervo pessoal)

PESSOAS TRANS E SUAS RELAÇÕES COM ESPORTE

O Pogonas não é o primeiro time esportivo trans a surgir no Brasil e iniciativas semelhantes seguem se multiplicando em diferentes localidades, dentro e fora da região Sudeste³. O primeiro de que se tem notícia mundialmente é o time de futsal Meninos Bons de Bola (MBB), hoje Instituto Meninos Bons de Bola, surgido em 2016 em São Paulo e atuante até hoje. Originalmente um time para pessoas transmasculinas e hoje um time misto de pessoas

³ Em 2025, Tiago, o então presidente da Associação esteve uma temporada em Barcelona, na Espanha, em razão do seu período de doutorado sanduíche em Matemática. Durante seu tempo lá, Tiago conheceu e participou do coletivo Fénix FC, que se apresenta como o primeiro time de pessoas trans da Europa, fundado em 2023 - sete anos após o MBB de São Paulo e o Pogonas de Campinas.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

trans o MBB eventualmente joga em competições femininas com uma divisão de atletas transfemininas, e também possui um time infantil, que treina crianças trans também no futsal. O time surge a partir de encontros promovidos por Raphael, uma pessoa transmasculina que trabalhava em um centro de referência LGBT de São Paulo e que percebia a defasagem de frequência de pessoas transmasculinas naquele espaço. Raphael e a equipe do centro de referência organizaram eventos voltados para essa população que terminavam com partidas de futsal como forma de integrar esses sujeitos e produzir um sentimento de pertencimento ao espaço e ao serviço. A vontade de seguir jogando de Raphael e de outras pessoas transmasculinas o inspirou a organizar por conta própria o MBB (SILVESTRIN; VAZ, 2021).

Apesar de não existir um consenso historiográfico de como, onde e com que finalidade nasce o esporte, é possível afirmar que o esporte moderno adquiriu múltiplos valores e sentidos como de comércio e produção industrial, expressão cultural, estilo de vida, fator econômico, fator de socialização, forma de educação e formação, estratégia de saúde e também como objeto de investigação científica (GAYA apud ATHAYDE et al. 2016), além de ser considerado internacionalmente enquanto um direito humano (OLIVEIRA JUNIOR; MORETTI-PIRES, 2024). Um forte aspecto de reconhecimento do capital social do esporte e do atleta começa a surgir depois da Primeira Guerra Mundial, quando em meio a disputas entre diferentes sistemas políticos e alinhamentos ideológicos, competições esportivas são organizadas e divulgadas internacionalmente para exaltação do corpo e da capacidade de atletas, que representariam por associação a força de seus governos e seus respectivos regimes (PRONI apud ATHAYDE et al, 2016).

Enquanto uma prática carregada de valor político e social que privilegia o corpo e o sujeito, em conjunto de uma visão do esporte enquanto prática que resgata o sujeito da alienação ao (re)integrá-lo com seu corpo através de atividades físicas (muitas vezes coletivas de maneira direta ou indireta, quando o sujeito se associa a uma prática e a uma comunidade de esportistas amadores ou profissionais pré-existentes), apreende-se que o esporte atende a necessidades sociais intrínsecas da socialização urbano-capitalista e, como argumentado por

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Oliveira Junior e Moretti-Pires (2025), associa-se também a uma ideia de saúde ampliada. Não por acaso, de maneira similar ao primeiro insight que se desdobrou posteriormente no time MBB, o desejo-necessidade-orientação que culminou na formação do Pogonas foi sentido e manifestado de maneira conjunta entre pessoas trans e profissionais de saúde da rede pública de Campinas. Quando a pequena equipe do ambulatório de gênero do Centro de Saúde Santos Dumont de Campinas (que atende quase sozinha a população trans da região metropolitana de Campinas via SUS) estreita laços com pessoas transmasculinas, faz-se a pouca integração entre esses sujeitos na visão dos profissionais e nas narrativas dos usuários do ambulatório. A equipe então recomenda que eles se organizem em alguma atividade conjunta, como algum esporte e, através de um grupo de whatsapp criado pelos usuários do ambulatório e batizado de “FUT TRANS”, dez pessoas transmasculinas se encontram em uma quadra pública para se conhecerem e baterem uma bola descompromissada no começo de 2020.

Ao lembrar esse primeiro encontro humilde, sentados em roda no meio de uma quadra alugada duas vezes por semana com recursos da LIE, ao lado de equipamentos profissionais, de uma treinadora profissional e conversando com um psicólogo esportivo, a distância de 4 anos que separa esse dia do exercício de memória proposto pelo psicólogo parecia se dilatar diante de tantos avanços. Pouco tempo depois do primeiro jogo de bola em 2020, quando a ideia de uma constância de encontros se desenhava, a pandemia suspendeu as aglomerações de pessoas. Assim, os meninos só se encontraram em quadra outra vez em 2021, depois de iniciado o plano de imunização nacional contra COVID-19. Em outubro daquele ano, os meninos convidam o MBB de São Paulo para jogar uma partida amistosa em Campinas. O encontro com o MBB, que naquele momento já atuava há cinco anos, foi fundamental para fomentar a iniciativa de fundar um time de futsal trans em Campinas. Conversando com os meninos do MBB, esse feito parecia completamente possível. E assim se fez. O dia desse encontro é tido

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

hoje pelo coletivo como o dia de fundação do Pogonas, cujo nome foi eleito por votação pouco tempo depois⁴.



Em **10 de outubro de 2021**, o primeiro time de futsal trans do Brasil, o MBB, nos faz uma visita pra termos nosso primeiro amistoso.

**Simbolicamente, essa se torna
nossa data de fundação!**

⁴ Pogona é o nome científico de uma espécie de lagarto que tem o sexo determinado não por cromossomos sexuais, mas pela temperatura do ovo durante o processo de incubação. Assim como o sexo do lagarto não é determinado por sua genética, os atletas do Pogonas também não têm seu gênero definido por fatores genéticos.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Histórias compartilhadas fortalecem os movimentos sociais: a primeira geração de atletas se convence de que é possível fundar um time de futsal trans em Campinas depois de conhecer o MBB (2025, página oficial do Pogonas no Instagram)

Uma semana antes do encontro com o psicólogo, por ocasião do aniversário de quatro anos do coletivo, eu havia revirado os arquivos de fotos digitais do Pogonas e montado um carrossel de fotografias do começo do coletivo para nossa página oficial. Os rostos que hoje reconheço nessas fotos mostram os atravessamentos do coletivo nesses corpos. Além da progressão do tempo e dos efeitos da hormonização em alguns deles, esses corpos desenvolveram conjuntamente habilidades esportivas e relações entre si. Fotografando nossos treinos há um ano, eu vejo na evolução que testemunho como esses corpos são arquivo da agência desses sujeitos sobre suas histórias. Vejo como cada um tem se empoderado dentro de quadra, recuperando muitas vezes um tempo e uma relação com esporte que a socialização de gênero primeira ou a transição dificultou, produzindo e aprimorando individualmente e em conjunto consciência corporal, memória muscular, noções de espaço e de força, visão de jogo, estratégia etc⁵.

Joana Flores Silva (2025) argumenta que a artista Sued Nunes cria em suas canções e performances um espaço e um tempo próprios, no qual seu corpo emerge enquanto arquivo e produtor de memória. De maneira análoga, o Pogonas transforma o corpo em quadra em um espaço tempo próprio, onde esses sujeitos se resgatam e se constroem, amadurecem e se relacionam. Ádrian é uma pessoa transmasculina de 51 anos que frequenta nossos treinos e nossa torcida sempre com grande entusiasmo por ver pessoas como ele mais jovens em coletivo - uma experiência que ele mesmo nunca teve. Apesar de se aventurar pouco na prática

⁵ A população transmasculina de Campinas é muito maior que a quantidade de atletas do Pogonas atualmente (que conta com cerca de 100 pessoas no grupo do whatsapp que usam para se organizar, dentre os quais menos da metade tem condições de tempo e transporte para oferecer uma frequência regular nos treinos). Dentre nós, existem pessoas que jogavam bola de maneira amadora e profissional antes da transição em times femininos, mas que acabaram evadindo esse espaço após a transição por um motivo ou outro. Há também pessoas que sempre quiseram jogar bola mas não tiveram oportunidade ou espaço, e pessoas que também entraram para o coletivo para conhecer outras pessoas trans, e jogam bola como consequência.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

esportiva, sua presença multiplica nossas relações e também colore nosso imaginário de envelhecimentos possíveis para nossa população.

Em agosto de 2025, nosso coletivo foi convidado pelo Museu do Futebol em São Paulo a enviar um representante para participar de um diálogo sobre vivências trans no futebol. Naquele dia acompanhei nosso atleta Benjamin fazendo a cobertura midiática para nossa página no Instagram. No evento, Benjamin narrou para nós como o Pogonas permitiu que ele se apropriasse de seu próprio corpo quando a disforia de gênero lhe atravessou nos primeiros anos em que se entendeu como uma pessoa trans. Também descreveu como as amizades no coletivo foram fundamentais para que ele se sentisse seguro e confiante diante das transformações sociais e corporais que os hormônios lhe trouxeram, e também durante várias outras situações posteriores que fazem com que, hoje, o Pogonas seja para ele como uma segunda família.

De certa maneira, o Pogonas surge a partir de uma necessidade de fortalecer redes entre pessoas transmasculinas na região de Campinas, usando o esporte como a plataforma que torna esses encontros possíveis e potentes. O acesso de pessoas trans a ambientes esportivos é dificultado de diversas maneiras. Enquanto uma prática cultural burguesa associada ao ócio e que herda valores aristocráticos (ATHAYDE et al, 2016), o esporte assume uma expressão moderna que exige tempo e recursos para sua prática, dos quais nem sempre dispõem pessoas trans que vivem em situações de vulnerabilidade econômica e social ou que dividem seu tempo com pesadas escalas de trabalho entre outras demandas pessoais. Já enquanto uma política pública de bem-estar e saúde ampliada, faltam investimentos mais capilarizados pelo território brasileiro que permitam que pessoas em diferentes camadas sociais e territórios tenham as mesmas condições de se dedicar a uma prática esportiva amadora ou de alto rendimento. O esporte se tornou um bem simbólico do capitalismo moderno, marcado pela cultura do espetáculo e explorado midiaticamente (NETTO; BRAZ apud ATHAYDE et al, 2026), sendo marcado por tradições locais que produzem um sentimento de identidade e pertencimento e que de maneira quase universal categoriza suas performances segundo uma perspectiva

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

positivista de sexo biológico. Perspectiva essa que é essencialmente incapaz de compreender corpos trans que reformulam e ampliam noções de masculino e feminino, homem, mulher e sujeito (OLIVEIRA JUNIOR; MORETTI-PIRES, 2025).

Oliveira Junior e Moretti-Pires (2025) exploraram a maneira como atletas cisgêneros possuem uma visão biologizante sobre corpos trans, o que reforça estereótipos certos de gênero e os coloca como condicionantes para a inclusão desses sujeitos no esporte de alto rendimento. Como resultado, o ambiente esportivo comumente reproduz o padrão de exclusão experienciado em outras esferas da sociedade, em que os espaços e as práticas são constantemente segregados reiterados segundo critérios de sexo-gênero limitados diante da realidade material e social de pessoas trans. Com pessoas transfemininas sofrendo constantes violências, sendo deslocadas de suas identidades em razão de uma suposta superioridade física, enquanto pessoas transmasculinas são tomadas por uma narrativa de inferiorização em razão da dimensão de seus corpos (OLIVEIRA JUNIOR; MORETTI-PIRES, 2024). Ao mesmo tempo, pessoas intersexo também são frequentemente perseguidas e/ou interditadas nos espaços esportivos profissionais⁶. Os autores também argumentam que o acesso de pessoas trans ao esporte também é dificultado em razão da falta de reconhecimento em torno dessas pessoas enquanto sujeitos dentro da ontologia de matriz cisheterossexual (idem, 2024). Existem casos como esses citados entre atletas do Pogonas, bem como casos em que os próprios atletas se retiraram de práticas esportivas durante o começo da transição. Alguns já relataram se sentirem deslocados de suas identidades quando seguiam competindo em categorias de gênero que evadiram ao mesmo tempo que não se reconheciam em sujeitos cisgêneros e/ou suas práticas esportivas na categoria de gênero oposta a sua que lhes teriam sido atribuída ao nascer.

O Pogonas não só democratiza o acesso ao esporte como também o acesso a cidade para pessoas trans: durante seus primeiros anos (e mesmo hoje, diante de algumas eventualidades) os atletas treinaram em quadras públicas por Campinas dividindo esses espaços

⁶ Vide a repercussão do caso da boxeadora argelina Imane Khelif, que sofreu perseguição institucional e midiática que questionavam sua identidade de gênero através de acusações de características intersexuais que a desqualificariam das Olimpíadas de 2024 após ganhar o ouro em sua categoria.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

com outros coletivos esportivos e a população da cidade que busca nas quadras uma forma de lazer. Na mesma época, treinando com materiais simples comprados coletivamente, em 2022 o time participa do seu primeiro campeonato. Desenham eles próprios um uniforme que financiam através de apoio voluntário e revenda de refrigerantes na porta dos restaurantes universitários da UNICAMP e, trajados de roxo e amarelo (cores não tipicamente associadas ao feminino nem ao masculino), conquistam o terceiro lugar.



Treino do Pogonas com o primeiro modelo dos uniformes, quadra pública no bairro Costa e Silva (2022, acervo do Pogonas)

Assim, aos poucos o time foi conquistando reconhecimento (OLIVEIRA JUNIOR; MORETTI-PIRES, 2024) na cidade de Campinas entre pessoas trans. Com uma identidade visual forte pelo contraste cromático dos uniformes e com uma página no instagram para

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

registrar e divulgar sua atuação, a existência do coletivo vai se difundindo através das redes trans do território campineiro. O coletivo vai aumentando e se torna um time misto de pessoas trans, travestis e não binárias. Com alguns atletas precisando se afastar eventualmente e retornando meses ou anos depois com animação, dedicação e saudade da bola. Quando me refiro aqui a reconhecimento, estou em diálogo com a maneira como Oliveira Junior e Moretti-Pires relacionaram a teoria do reconhecimento (como trabalhada por Judith Butler e Passy McQueen) com a apropriação de pessoas trans das práticas esportivas como “uma extensão das lutas por reconhecimento e acesso aos direitos fundamentais” (p. 13).

Considerando as heranças do esporte moderno do período pós-Primeira Guerra como mencionamos anteriormente, o reconhecimento do Pogonas enquanto um coletivo esportivo compreende nossos atletas enquanto sujeitos dotados de corpo, identidade, comunidade, habilidades, combatendo assim o apagamento, a invisibilidade e a marginalização ontológica de corpos trans dentro e fora do Pogonas. De maneira que mesmo pessoas não formalmente parte do coletivo se veem nele de alguma forma, como eu mesmo antes de ingressar no coletivo. Em 2024, na primeira Marcha do Orgulho Trans de Campinas e antes de me juntar ao Pogonas, enquanto os atletas estavam trajados de roupas casuais misturados à multidão e ajudando a compor a equipe de segurança e de acolhimento do evento, eu cruzei uma pessoa vestida com o uniforme que se avista de longe e fui me apresentar enquanto um torcedor do time.

“Ah não, eu não sou do Pogonas! Eu só comprei a Camiseta. Eles anunciaram a venda no instagram um tempo atrás e eu pensei ‘Por que não? É o time trans de Campinas, eu sou trans’. Comprei pra dar um apoio também, ajudar eles a fazerem um dinheirinho” Foi o que lembro de ouvir a pessoa me responder entre os batucos de bateria e os gritos da procissão que descia a rua Barão de Jaguará no centro da cidade. Rimos um com o outro pela situação e também pela coincidente relação parassocial com o time.

O primeiro apoio financeiro que receberam veio em 2023. Apesar das tentativas de apoio junto a prefeitura de Campinas constantemente ignoradas, o Pogonas consegue captar recursos junto a uma iniciativa privada em Campinas que financia alguns projetos sociais no

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

território. Com esse apoio, o coletivo contrata sua primeira treinadora e, mais tarde naquele ano, organiza a primeira edição do Campeonato Paulista de Futsal Trans, também conhecido como Paulistrans. Esse projeto que nasce em Campinas rapidamente se torna um projeto de construção coletiva junto a outros times de futsal pelo estado de São Paulo, que a cada ano cresce em número de equipes inscritas⁷. Também em 2023, o Pogonas assina um contrato de um ano de patrocínio com uma micro empresa de serviços de coffee-break para eventos de uma empreendedora travesti do território de Campinas, a empresa TravaTruck, que ajudou a financiar uma nova linha de uniformes com novo design, agora roxo e dourado e o logo da patrocinadora.

Em 2024, o Pogonas se junta à Coalizão Trans de Campinas, uma coalizão de outros coletivos de pessoas trans do território, entre eles ocupações sociais, coletivos de acolhimento de pessoas em vulnerabilidade habitacional, coletivos culturais, casas de *ballroom*, coletivos universitários, conselheiros municipais de saúde, conjuntos musicais entre outros para articular uma agenda de reivindicação junto à prefeitura de Campinas, ao governo do estado e do governo federal por direitos e políticas públicas para nossas demandas específicas. Dentre as ações com as quais o Pogonas contribui, uma delas foi ajudar a reivindicar com a prefeitura e construir internamente a Primeira Marcha do Orgulho Trans de Campinas, que no momento já conta com duas edições, ambas apoiadas pelo coletivo. Em 2025, o Pogonas também somou esforços para construir a Segunda Marcha Transmasculina de São Paulo (movimento que nasceu em 2024 como a primeira marcha transmasculina do mundo, e que foi despertar de uma Primavera Transmasculina, com outras marchas se organizando em diferentes cidades do Brasil e da América Latina) atendendo a um convite do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades - Núcleo São Paulo (Ibrat-SP) e atuando junto a frente jurídica, de pesquisa e de segurança do evento.

⁷ Em 2025, o Paulistrans foi contatado pela primeira equipe chilena de futsal trans, o Disforia FC, com intenção de participar do próximo Paulistrans. Hoje o campeonato estuda maneiras de viabilizar uma internacionalização na América do Sul no futuro.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Outra grande conquista vem em 2025, quando o Pogonas é escolhido como um dos cinco coletivos esportivos de pessoas trans do estado de São Paulo pela ONG Nix Diversidade para receber recursos através de um edital da LIE de duração de 11 meses até maio de 2026. Com esse novo apoio, o Pogonas passa a conseguir alugar uma quadra duas vezes por semana para viabilizar os treinos, conseguem uma preparadora de goleiros para integrar a equipe técnica junto à treinadora regular, conseguem um fotógrafo e *social media* para integrar a equipe de comunicação e conseguem melhorar a remuneração da treinadora que acompanha o time fielmente desde 2023. Em 2025 também conquistam o primeiro título de campeões de uma competição de futsal trans na Copa PJF de Juiz de Fora, em Minas Gerais - a primeira edição de um evento organizado pelo coletivo esportivo mineiro Transtornados e com o apoio da secretaria de esportes de Juiz de Fora, que conseguiu trazer e hospedar o Pogonas por dois dias para participação no evento, o primeiro da história do estado de Minas Gerais, que contou com participação de equipes de São Paulo, Juiz de Fora, Campinas e Rio de Janeiro.

Esse também foi o ano em que o coletivo se formalizou enquanto uma Associação, maneira pela qual busca viabilizar captação de recursos para expandir a infraestrutura do time e dos eventos esportivos trans no território. Hoje, o principal obstáculo do Pogonas segue sendo a falta de recursos que viabilizem a participação de mais atletas do território. Atualmente contamos com atletas de outros três municípios da região (Hortolândia, Itatiba e Capivari), e pessoas de diferentes regiões da cidade de Campinas. Com um sistema público de transporte deficitário, muitas pessoas manifestam vontade de participar do coletivo, mas enfrentam dificuldades de locomoção para acompanhar os treinos, que ocorrem na região mais central possível, ainda pouco acessível para muitas pessoas.

Para o futuro, o Pogonas estuda maneiras de viabilizar maneiras de alcançar esses indivíduos, ampliar sua atuação cultural no campo das artes e estruturar uma equipe de vôlei trans, outra modalidade muito estimada por pessoas trans do território. O coletivo também luta junto da Coalizão Trans de Campinas pela municipalização dos hormônios nos ambulatório de gênero da cidade, pela ampliação do acesso ao Processo Transexualizador e contra os

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

retrocessos da resolução nº 2.427 do Conselho Federal de Medicina (2025), que suspende autorização de bloqueadores hormonais por menores de idade, aumenta a menoridade de cirurgias de afirmação de gênero para 21 anos outra vez e volta a exigir laudo psiquiátrico de acompanhamento de dois anos como pré requisito para ingresso com a hormonização cruzada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomar a história do Pogonas, inscrevê-la na constelação de memórias trans de Campinas e compreender seus desdobramentos no presente não é apenas um exercício de registro: é uma intervenção ativa contra o apagamento que historicamente tenta nos desalojar do passado, do corpo e do futuro. Ao narrar a trajetória desse coletivo recuperamos não só a materialidade de uma experiência esportiva, mas o gesto político de afirmar que corpos trans produzem esporte, produzem saber e produzem pertencimento. Enquanto comunidade e projeto em movimento, o coletivo demonstra que a construção de espaços seguros e acolhedores não se dá apenas pela resistência frente às violências estruturais, mas também pela invenção contínua de modos de viver e de estar juntos.

Em meio às disputas institucionais, às dificuldades de acesso e às constantes tentativas de retrocesso, a existência do Pogonas reivindica para pessoas trans o direito ao esporte, ao lazer, ao cuidado, à memória e à cidade. Que este relato contribua, portanto, para reforçar que nossas histórias não são exceção, mas sim parte constitutiva das dinâmicas sociais que transformam o território de Campinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, P. *et al.* O esporte como direito de cidadania. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, abr./jun. 2016.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 2.427, de 8 de abril de 2025. Define e estabelece normas para a assistência médica integral à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero, incluindo o acolhimento, o acompanhamento ambulatorial, a hormonioterapia e o cuidado cirúrgico. Brasília, DF, 2025.

FLORES SILVA, Joana Angélica. O corpo-tela espiralar de Sued Nunes: Musicalidade e memória do Recôncavo Baiano. *Revista Memória LGBT*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 270–278, 2025.

MATOS MOTA, Gilney. MEMÓRIA PARA QUEM? : NARRATIVA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM ACERVO LGBT NO CEARÁ. *Revista Memória LGBT*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 85–94, 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, João Batista de; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Transexualidade e práticas esportivas: uma análise a partir da teoria do reconhecimento. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, Brasil, v. 34, e34090, 2024.

Práticas esportivas e pessoas trans: a promoção da Saúde como forma de (re)existir. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 2, p. e240066pt, 2025.

POGONAS, Associação Transtléctica e Cultural. Estatuto da Associação TransAtlética e Cultural Pogonas, Campinas, Brasil, 2025.

ROSA BUENO, Vanessa Cristina. O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO PROF. DR. LUIZ MOTT - CEDOC LGBTI+ E SUAS PRÁTICAS SOCIOMUSEOLOGICAS::

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

PRESERVAÇÃO, DIFUSÃO E PESQUISA DA MEMÓRIA LGBTI. Revista Memória LGBT, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 123–137, 2025.

SANTOS, Emerson. Construindo memórias das organizações do Movimento LGBTQIA+ em Pernambuco: convergências, disputas e articulações entre 1990 e 2010. Revista Memória LGBT, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 52–84, 2025.

SILVESTRIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. “Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79366, 2021.

SOARES MARTINS, Carlos Wellington; DOS ANJOS SILVA LIMA, Ricardo. A trilha do arco-íris na Terra das Palmeiras: histórico dos movimentos sociais LGBTI+ no Maranhão. Revista Memória LGBT, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 26–51, 2025.

Esporte, identidade e reconhecimento: a trajetória do Pogonas na produção de redes e reconhecimento trans na cidade de Campinas

AIDAN VALENTINA FONGARO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 02 de dezembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026